

AKEDIA



MARCELO PESSOA (org.)

Divulgação científica universitária

Vol. IV – 2023





Apresentação

Neste volume, estão reunidos os textos produzidos por alunos de Graduação, da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal. Nos conteúdos aqui publicados, encontramos diferentes graus de maturação da escrita acadêmica, visto que estes Autores e Autoras, postos ao lado de cientistas profissionais, são jovens iniciados nos afazeres científicos, frequentando, ainda, o 1º ou 2º período de seus cursos. Por isso, o grande mérito desta obra, não reside exatamente na ‘verdade’ do que eles escrevem, mas na ousadia de se proporem a fazê-lo. O grande desafio que a eles fora dado, foi vencido. Que este momento lhes sirva de anteparo, de primeiro degrau universitário e profissional. Enfim, que eles e elas saibam que toda grande caminhada sempre tem início com um primeiro e solitário passo.

(Marcelo Pessoa)

AKEDIA

2023





Marcelo Pessoa (org.)

Divulgação científica universitária – Vol. IV

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

2023

Revisão Linguística

Dr. Marcelo Pessoa

Direção de Diagramação e Arte

Equipe Editorial AKEDIA Books & Journal

Marketing

Ariane Moraes

Informata

Paulo Henrique Pedro

Capa

Banco de dados Amazon / KDP

Responsável pela Editoração

Prof. Dr. Marcelo Pessoa

Editor Corporativo

AKEDIA Books & MPEducacional

Outros títulos publicados pelo do Grupo SIC, Marcelo Pessoa, AKEDIA Books & MPEducacional

1. **Nas Gerais da Cultura** – temas e práticas de redação jornalística / Área-Mãe das Letras – Linguística Textual: ISBN 9788590986102, 2009
2. **Linguagens, Sistemas & Sociedade (org.)** // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986119, 2013
3. **Publicações do Grupo de Pesquisa Sociedade, Imagens e Cultura [SIC] (org.)** // Área-Mãe da Divulgação Científica: ISBN 9788567463827, 2015
4. **Romance Digital** // Área-Mãe das Letras – Literatura: ISBN 9788590986140, 2017
5. **Divulgação Científica Universitária I (org.)** // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986133, 2017 – 1º semestre
6. **Divulgação Científica Universitária II (org.)** // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986126, 2017 – 2º semestre
7. **Divulgação Científica Universitária III (org.)** // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986157, 2019
8. **A Crônica-Canção de Caetano Veloso** // Área-Mãe das Letras – Crítica Literária: ISBN 9781655813313, 2020
9. **A Crônica-Canção de Chico Buarque** // Área-Mãe das Letras – Crítica Literária: ISBN 978-85-909861-6-4, 2020
10. **Fronteiras em Movimento (org.)** – os desafios da ciência na era digital // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9781656124340, 2020
11. **Fala sério!** // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9786500264654, 2021
12. **Sangue de Alquimista (org.)** – o mistério do quinto elemento // Área-Mãe das Letras – Literatura: ISBN 9798532879300, 2021
13. **Projetos e práticas em neurociência (org.)** // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9786500456585, 2022
14. **O uso de holdings e offshores (org.)** // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9786500493153, 2022
15. **Perdeu, mané, não amola** – um ‘dicionário’ do governo ‘borsonaro’ // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9798850114961, 2023

Conselho Consultivo – Selo Editorial Marcelo Pessoa / AKEDIA Books

Dr. Carlos Eduardo Falavigna da Rocha (USP – Universidade do Estado de São Paulo). Instituto de Biociências – Depto. de Zoologia, Cidade Universitária Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0940432323590880>

Dr. Fábio Akcelrud Durão (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Depto. Teoria Literária, Cidade Universitária Zeferino Vaz) Currículo: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/88713/fabio-akcelrud-durao/>

Dr. Dionísio Vila Maior (UAL – Universidade Aberta – Lisboa, Portugal) Currículo: <https://www2.uab.pt/departamentos/DH/detaildocente.php?doc=38>

Dra. Susanna Busato (UNESP – Universidade Estadual Paulista, Ibilce) Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6152020642730749>

Dr. Isaar Soares de Carvalho (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal) Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5170432437971562>

Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes (UEL – Universidade Estadual de Londrina) Currículo: <https://scholar.google.com.br/citations?user=mxLDTXIAAAAJ&hl=en>

Dr. Rodrigo Ney Millan (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal) Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4521089561104903>

Dr. Marcelo Pessoa (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal) Currículo: <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

Dr. Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal) Currículo: <http://jorgepedrosousa.ufp.edu.pt/jorge-pedro-sousa---curriculo>

Dr. Eder Ângelo Milani (UFGO – Universidade Federal de Goiás – Campus Samambaia) Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1420630122459706>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Divulgação científica universitária [livro eletrônico] : volume IV / organização Marcelo Pessoa. -- São José do Rio Preto, SP
Ed. dos Autores, 2023.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-00-73944-2

1. Artigos - Coletâneas 2. Divulgação científica
3. Ensino superior - Brasil 4. Pesquisa científica
5. Trabalhos acadêmicos I. Pessoa, Marcelo.

23-163138

CDD-501

Índices para catálogo sistemático:

1. Divulgação científica 501

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

SUMÁRIO

Apresentação – 2ª Capa

Prefácio – 04

A crônica cantada e a versão absurda do perfeito idiota latino-americano – Marcelo Pessoa – 05



Prefácio

Não é muito difícil sentir saudades de um tempo em que a grande preocupação de um Professor era a de que os alunos realmente fizessem suas tarefas, que não pedissem que ninguém as realizasse por si, ou mesmo que não buscassem na internet versões ‘prontas’ e ou ‘pagas’ dos exercícios a serem entregues numa certa data.

Assim é que, ao solicitar que os alunos realizassem um trabalho de verificação de aprendizagem fora da sala aula, o ‘plágio’ foi, por muito tempo, a grande ‘alma penada’ que assombrava os bastidores escolares, acadêmicos, científicos. Isso já foi tema de Congressos e de programa de Televisão.

Na época dos algoritmos e da inteligência artificial, esses medos perderam quase que totalmente a sua razão de ser: o que era hipótese virou certeza.

ChatGPT, ChatSonic, BardChatBoot, Jasper Chat, CharacterAI, YouChat, Perplexity AI & Replika são apenas algumas das ferramentas de realização de atividades acadêmicas e de escritório, às quais todos os usuários da rede mundial de computadores podem acessar, pagando ou não pelas assinaturas ou pelos serviços ‘adquiridos’. E agora?

Diante de uma máquina, em que você simplesmente dá a ela comandos de que tipo textual você deseja (Resumo, Artigo, Dissertação, Tese, ficção em prosa ou poesia), de quais referências bibliográficas necessita (se livros, vídeos, imagens, palestras, *sítes*), em qual formatação (espaçamentos, margens, fontes, letras), em qual norma científica (ABNT, Vancouver, APA) e em que grau de aprofundamento (escolar, graduação, mestrado, doutorado), pra quem é docente, num contexto assim, não dá um ‘saudosismozinho’ medíocre da inocente ‘era do plágio’? Claro que nem um e nem outro dos casos: não é mesmo?

É neste sentido, que a capa deste volume IV, da série Divulgação científica universitária, publicada pela AKEDIA Editorial, desde 2013, homenageia esse nosso ‘admirável mundo novo’. A imagem que ilustra a capa do volume, está hospedada no *link*: <https://stock.adobe.com/br/images/close-up-view-of-human-and-robot-hands-typing-on-laptop-at-workplace/205145568>.

PESSOA, Marcelo¹  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

¹ Docente UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal. Departamento de Linguística, Letras, Comunicação e Artes – DLLCA.

A CRÔNICA CANTADA E A VERSÃO ABSURDA DO PERFEITO IDIOTA LATINO-AMERICANO

Em 06/11/1998, realizei uma entrevista com o poeta-compositor Caetano Veloso (nascido Caetano Emanuel Viana Teles Veloso, em 07/08/1942, na cidade de Santo Amaro, Bahia – BA). Isso se deu, numa ocasião, em que ele realizava um *show*, intitulado “Livro”, nas dependências do SESC (Serviço Social do Comércio), unidade de São José do Rio Preto – SP.



Na época, eu cursava a Licenciatura em Letras, Graduação esta, ofertada pela UNESP (Universidade Estadual Paulista), Campus de São José do Rio Preto – SP. Como estudante daquela instituição, havia conseguido uma Bolsa de Iniciação Científica, do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), em que eu executava um Plano de Trabalho, pesquisando Fenômenos da Mídia, das Artes, da Literatura e da Cultura Brasileira.

Fui ao SESC, assisti ao espetáculo e, logo depois do encerramento do evento, me dirigi aos bastidores de palco, a fim de me apresentar como pesquisador e estudante, já que tinha o intuito de realizar a tal entrevista para a minha pesquisa. Quando cheguei perto do camarim do artista, havia uma fila enorme de pessoas, e todas elas, pensei, com a mesma intenção que eu.

Outros, supus, somente fãs mesmo. Mas, o fato em destaque, é o de que havia uma lista de inscrição para falar com o cantor. Dei meu nome para um responsável, à porta do camarim, e aguardei umas três ou quatro horas, até que consegui adentrar ao recinto, e falar com Caetano Veloso. Quando entrei, Caetano me disse que só manteve meu nome na lista, por que gostou do meu sobrenome: '**Pessoa**'. Caetano Veloso gosta muito de Fernando Pessoa, o português – sem querer, peguei uma 'carona' nesse seu *affair* internacional. Eu também gosto, meu pai é português e seu sobrenome é Vianna.



A Palavra Cantada Pôde Espantar e ao mesmo Tempo Parecer Exótica

O resultado desta entrevista, foi, depois de 05 anos, encartado numa Dissertação de Mestrado, defendida na UNESP, de São José do Rio Preto, em 2003, cujo título é “A Palavra Cantada Pôde Espantar e ao Mesmo Tempo Parecer Exótica — a canção de Caetano de Veloso”. Esta Dissertação virou livro, publicado sob o nome de *A Crônica-canção de Caetano Veloso* (2014, na Alemanha e, em 2020, republicado pela AMAZON, EUA). O título acadêmico de “Mestre em Letras”, por sua vez, foi obtido, com bolsa do CNPq.

A seguir, recuperamos daquela ocasião, a entrevista completa, de 1998, a qual, neste ano de 2023, a sentimos muito interconectada com eventos que, nos últimos 25 anos, dialogam com os antigos posicionamentos de Caetano Veloso, então depreendidos ou ditos por ele mesmo, mas, também, surpreendentemente, se ligam com atos e atores do Brasil atual. Por isso, abaixo, apresentamos a íntegra, transcrita de um áudio, gravada num tipo de mídia que não existe mais. Aos originais, acrescentamos notas de rodapé.

E, como esta entrevista ainda é 'inédita', no sentido de que, fora da Dissertação de Mestrado, restrita ao acesso de uns poucos interessados, ela praticamente nem existe, apresentaremos algumas reflexões e contrapontos que foram unidos ao texto original, ajudando a projetar um fecho de luz sobre a história deste 'país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza'.

ENTREVISTA COM CAETANO VELOSO SESC, RIO PRETO, NOITE DE 06/11/1998

 DOI NUMBER: 10.33726/akdbooks2447-7656vIv9in2023p06a16

PESSOA, Marcelo²  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

RESUMO: O presente capítulo de livro, tem o objetivo de tornar pública, uma entrevista, ainda inédita, realizada com o poeta-compositor Caetano Veloso, em novembro de 1998. Como resultado imediato deste resgate histórico, a produção científica ora publicizada, pode contribuir para ajudar a preencher algumas lacunas da crítica relacionada à produção crônico-musical brasileira. Como aporte bibliográfico fundamental desta escrita revisitada, temos as de Pessoa (2013 e 2014). A metodologia empregada nesta tecitura, foi a de revisão bibliográfica, de acervos dispostos em repositórios físicos e digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Produção e difusão do conhecimento, estudos filosóficos intersemióticos, Letras

ABSTRACT: The present chapter of the book aims to make public an interview, still unpublished, carried out with the poet-composer Caetano Veloso, in November 1998. As an immediate result of this historical rescue, the scientific production now publicized can contribute to helping to fill some gaps in the criticism related to Brazilian chronic-musical production.. As a fundamental bibliographic contribution of this revisited writing, we have those by Pessoa (2013 and 2014). The methodology used in this weaving was the bibliographic review of collections arranged in physical and digital repositories.

KEYWORDS: Production and dissemination of knowledge, intersemiotic philosophical studies, Letters

M.P³: A problemática do Tropicalismo⁴ despertou vários reveses, várias controvérsias desde a origem do movimento. Isso vemos, quer através de Artigos publicados, como o do Roberto Schwarz⁵ (no livro *o Pai de Família e outros estudos* [SCHWARZ, 1992]), quer quanto ao que tange a uma certa aversão,

² Docente UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal. Departamento de Linguística, Letras, Comunicação e Artes – DLLCA.

³ Abreviação adotada para: Marcelo Pessoa.

⁴ No momento da entrevista (1998), fora da Universidade, a expressão ‘Tropicalismo’ já soava tanto ambígua (remetendo-nos às doenças tropicais) quanto distante da memória cultural. Hoje, em 2023, aos novos leitores, esta mensagem, talvez, soe meio que ‘pré-histórica’. Por isso, convém lembrar, que o que se entendia por ‘Tropicália’ ou por ‘Tropicalismo’, na cultura popular brasileira, se associava, também, à ideia de uma ‘Tropicália’ oriunda das Artes Plásticas. Desse modo, na esfera da cultura, temos ao menos três referências aos vocábulos ‘Tropicália’ e ‘Tropicalismo’. A primeira delas, se refere à obra de Hélio Oiticica (1937-1980). Tratava-se de uma instalação, exposta no Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro (MAM/RJ), entre os anos de 1966-1967. Era um ambiente labiríntico, composto de dois recintos penetráveis, associados a plantas, areia, araras, poemas-objetos, capas de parangolé e um aparelho de televisão. A partir daí, conectando-se ao ideário de Oiticica, surgem canções como “Domingo no Parque”, Gilberto Gil (1967), e “Alegria, Alegria”, Caetano Veloso (1968), criando-se no meio artístico, um ‘despertar de consciência’ nacional, formatando um movimento, o qual conheceríamos como ‘Tropicalismo’ ou ‘Tropicália’, condição consolidada no disco “Tropicália 1, ou Panis et Circensis” (1968), e no disco “Tropicália 2” (1993).

⁵ Roberto Schwarz, é um crítico literário e professor aposentado, de Teoria Literária brasileiro, nascido em Viena, na Áustria, em 1938.

tanto da 'Esquerda', quanto da 'Direita' política do Brasil⁶. Como, então, você via isso? E, hoje⁷, é possível traçar um paralelo dessa polêmica do Tropicalismo, que, de certa maneira, causou tanta perplexidade, tanto à 'Direita', quanto à 'Esquerda', com o que se passa nos dias de hoje⁸?

CAETANO: “O Artigo do Roberto Schwarz, eu só vi depois que nós⁹ já estávamos no exílio, em Paris, depois de termos sido presos, em dezembro de 1968. Ficamos até fevereiro de 1969, na cadeia, e fomos pra Salvador – BA, onde ficamos quatro meses, e só depois é que fomos para a Europa. Lá, tomei conhecimento desse texto, mas, aí, já estávamos numa época em que a polêmica já silenciara. Depois, reli uma vez ou outra. Tem até uma música que eu menciono rapidamente, brincando, assim, de uma maneira jocosa. Agora, já muito antes desse Artigo, que na verdade não é muito polêmico em relação ao Tropicalismo – movimento que eu considerava que tinha sido um acontecimento que tinha chamado atenção de todo mundo, o autor estava mesmo é querendo ver o panorama cultural brasileiro da época, e nem se centrava muito em música popular. Embora o Tropicalismo sim, se centrasse em música popular, o Artigo dele nem tanto, porque parece que ele conhecia mais cinema e teatro, do que de música popular, o que é mais ou menos natural em pessoas de formação erudita. Agora, o que se discutia muito, muito antes disso aí, era a discrepância entre a nossa atitude e as atitudes da 'Esquerda' convencional, embora nós não quiséssemos nos desvincular da 'Esquerda'. Isso foi sempre problemático. Mas

⁶ Rapidamente esclarecendo, o ideário nacional e internacional de 'Esquerda' e de 'Direita', se amparam na concepção de sua origem, lá na França (ver vídeo, denominado “O início da Revolução Francesa e a origem da Esquerda e da Direita”, disponível em: <https://youtu.be/f5Uu71Zy3GI>). Para os efeitos de elucidação aqui pretendidos, temos, também, a obra de Caio Túlio Costa, intitulada *Cale-se* (COSTA, 2003). Em *Cale-se*, vemos como foram os bastidores de criação do PT (Partido dos Trabalhadores) e do PSDB (Partido da Social Democracia do Brasil). Por muito tempo, se acreditou que o PT representasse a ideologia de 'Esquerda' (e isso, ainda em 2023, prevalece). Contudo, se pensava que o PSDB seria o contraponto justo e necessário, colocado no polo oposto, o da 'Direita'. Entretanto, depois da divulgação do documentário *O Teatro das Tesouras* (Portal “Brasil Paralelo”, 2018: <https://youtu.be/aOIIYrRdbC0>), estas verdades foram postas em xeque, e os significados de 'Esquerda' e de 'Direita', no Brasil, passaram a ser ressignificados – pra sempre?

⁷ Em 1998. Mas, olhando bem de perto, acho que, em 2023, ainda vale a ideia.

⁸ À época (1998), quando formulei esta questão, eu ainda acreditava em tudo o que a Universidade estaria me 'ensinando' na Graduação. Muitos anos depois, descobri que o que eu compreendia por Direita, Esquerda, engajamento político da Arte e dos Artistas, não correspondia a uma totalidade, mas, a apenas uma parcialidade enviesada, difundida ao alunato, segundo os critérios e interesses de um segmento docente, voltado a um só lado do espectro político: o da Esquerda (ver texto inicial do LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1863556911259481>).

⁹ Neste ponto, apesar de vários brasileiros terem vivido isso na pele durante os anos mais difíceis do governo militar, Caetano talvez se referisse somente a ele próprio e a Gilberto Gil.

foi problemático também pra nós. Eu acho que é problemático ainda¹⁰, e, portanto, são assuntos ligados a essa polêmica da posição política do Tropicalismo que estão abertos pra discussão. Todos os assuntos ligados a essa polêmica da posição política do Tropicalismo são complexos, é um tema complexo, embora talvez não seja relevante. Eu não sei o grau de relevância que isso possa ter, mas que é complexo, é. Por exemplo, uma improvisação de Charles Parker¹¹ é muito complexa. Mas há muitas pessoas, muito sérias, que entendem muito de música, que dizem que Jazz simplesmente não é relevante, entendeu? E então, as coisas são assim.”

M.P: Como poderia ser avaliada a postura do Tropicalismo, a respeito da retomada desse movimento enquanto consciência histórica, como consciência do processo mesmo que o País passou, e veio passando após o Tropicalismo, isso porque estamos vivendo, até hoje, praticamente sem a presença de outros movimentos que realmente pudessem ser significativos no cenário nacional. Considerando-se, claro, tanto o que se refere a uma real tomada de posição, seja na MPB, como no Tropicalismo – e isso lembra uma famosa frase sua, citada na *Revista Civilização Brasileira*: “A retomada da linha evolutiva da Música Popular Brasileira” –, quanto ao que se poderia chamar de “uma retomada da linha evolutiva da política brasileira”. Falamos dessa estrutura política que está, vamos dizer assim, de certa maneira, alienada do povo. Essa, que virou um monstro, que oprime o povo. E vemos, hoje, que o próprio povo não tem consciência disso: quem é o inimigo, a quem se dirigir numa luta? Não é um inimigo assim visível, palpável, como uma Ditadura¹², como um opressor

¹⁰ De fato, isto foi controverso e ainda continua sendo. Em vídeo de 1978, na contramão de uma Esquerda anticapitalista, Caetano fazia apologia escancarada à ‘força da grana que ergue e destrói coisas belas’ (<https://youtu.be/0j42NkX4QVo>). Do mesmo modo, em vídeo de 2018, (<https://www.facebook.com/watch/?v=1902647113087843>), Caetano se refere positivamente, a aquele que seria, em 2023, um dos maiores desafetos da Esquerda, uma vez que tido como o ‘guru’ da Direita política brasileira, Olavo de Carvalho (1947-2022). Neste vídeo, mais especificamente, Caetano se reporta a uma leitura que fizera, do livro *O imbecil coletivo* (CARVALHO, 1996). Alimenta isso também, o fato de que, em 2022, o mesmo Caetano, que se mostrou adepto de pensamentos da Direita, que se expressou favoravelmente ao Capitalismo, revela ter votado e ainda ter a intenção de continuar votando no polêmico e Comunista Lula (<https://youtu.be/wGrJzgDKHFM>).

¹¹ Charles Parker Jr. (1920-1955), foi um compositor e saxofonista de jazz norte-americano. No início da sua carreira, Parker foi apelidado de ‘Yardbird’ (nome de uma banda de *Blues Rock* inglesa, anos 60, ou, simplesmente, ‘passarinho’), apelido que, mais tarde, foi encurtado para ‘Bird’ e permaneceu como o apelido de Parker, para o resto da sua vida.

¹² No Brasil, convencionou-se designar como ‘Ditadura’ estrito *sensu*, o período militar, compreendido entre 1964 e 1985. Contudo, houve momentos em que esta ideia de totalitarismo ou de governo autoritário esteve presente, como o do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que se estendeu de 1937 a 1945.

possível¹³. Ela age como um opressor utópico, autóctone: parece que não está aqui, está no fora, não está aqui, então não é possível se criar um movimento. Caetano, existe hoje, também, a consciência da intelectualidade musical e artística, em geral, com relação a todo esse processo? Em sua opinião, deveria haver um movimento significativo hoje, que realmente subverta a aparente ordem das coisas, como foram, não apenas o Tropicalismo, no Brasil, como também o foram os movimentos de vanguarda na Europa – Impressionismo, Expressionismo, Futurismo, Dadaísmo etc., ou a sociedade está fadada a viver nessa pasmaceira?

CAETANO: “Ah, eu não sei prever o futuro, mas também, algumas coisas precisam ser esclarecidas, pra que a gente possa, embora sem poder prever, lidar bem com que o futuro possa nos oferecer. Em primeiro lugar, eu não acho que a gente deva considerar que o acontecimento de um movimento como o Tropicalismo se deva ao fato da existência de uma Ditadura no Brasil, ou que se vincule principalmente ao advento de uma Ditadura. Isso porque, por exemplo, não havia Ditadura na Inglaterra, nem no Estados Unidos, nem na França, e movimentos mais ou menos semelhantes e contemporâneos aconteceram nesses lugares¹⁴. Também, os fatores são outros, são fatores do ritmo da história do Ocidente. Naturalmente, a Ditadura brasileira fazia parte desse ritmo, fazia parte desse desenvolvimento da história ocidental naquele momento. Então, vê-se, que não é que eu queira dizer que não se leva em conta a Ditadura, mas que não se queira reduzir a necessidade e possibilidade de se ter um movimento, ao fato de haver uma Ditadura. Naturalmente, é mais fácil você reunir as pessoas em torno de uma causa, quando há um inimigo tão caricatural quanto é uma Ditadura, não é¹⁵? Agora, a gente não está aqui só pra fazer as coisas mais

¹³ Era assim mesmo que eu pensava. Ou melhor, era esse tipo de pensamento o conceito corrente dentro da Universidade onde eu estudava. É isso que eu aprendia lá: “o Capitalismo é o ‘malvado’, agindo contra o povo”. Mas, para ‘desconstruir’ essa narrativa em minha formação acadêmica, não teria sido preciso ir muito longe. Bastaria ter lido, à época, o conteúdo que foi sistematizado por Garschagen (em 2019), ou que somente tivesse lido o incomparável *Marxismo, Fascismo e Totalitarismo*, de James Gregor (2021).

¹⁴ Contemporâneo da Tropicália, no Brasil, a Jovem Guarda (1965-1968) caminhou ao lado da incubadora dos Tropicalistas. Contudo, quando Caetano se reporta à Inglaterra, talvez tivesse pensado nos *Hippies*, nos *Skinheads*, no *Punk Rock*. Quanto aos EUA, é provável que sua memória se atrele ainda à contracultura dos *Hippies*, mas, sobretudo, aos movimentos de luta pelos direitos civis, liderados por ‘Malcolm X’, ‘Martin Luther King’ e pelos ‘Panteras Negras’. Já, na França, os movimentos estudantis e trabalhistas, o ‘Maio de 68’ (relembrado como sendo ‘o ano que nunca acabou’), talvez seja a grande âncora da mensagem de Caetano naquele contexto da entrevista.

¹⁵ Em 2023, o governo Lula recebeu ditadores latino-americanos em solo brasileiro, mesmo contra a vontade de grande parte da população brasileira, mesmo contrariando parte da opinião pública

fáceis. A gente tem que fazer, também, as coisas difíceis, e o Tropicalismo, pra ser sincero, destoava um pouco disso, embora estivesse solidário com a reação à Ditadura, e se sentisse, às vezes, como se fosse a reação mais profunda contra ela. O Tropicalismo era um pouco destoante do coro dos opositores da Ditadura, dos opositores convencionais, o que dava ao movimento uma feição política muito ambígua¹⁶, que criou a dupla reação política; a ‘Esquerda’ esteve contra nós, embora a Ditadura tivesse sido muito mais violenta conosco, do que a própria ‘Esquerda’ pode ser¹⁷, porque a ‘Esquerda’ não fez uma Ditadura, mas sim, a ‘Direita’ é quem fazia àquela altura”¹⁸.

M.P: Hoje, 06/11/98, passados trinta anos do polêmico e conturbado 1968, que foi mais ou menos histórico, não só no Brasil, como, de certa maneira, na Europa¹⁹. Você acaba de fazer um *show*, que eu achei fantástico, metalinguístico, musicalmente falando. Achei de um extremo cuidado estético, desde a iluminação, o som, a imagem, a poeticidade. Essa consciência poética, eu tenho a impressão, pelo que pude ver de sua obra, até esse momento de minha pesquisa, teve sempre, realmente, um cuidado. Se, é intencional ou não, não é a questão. A questão é que é poético, e isso é relevante. Isso, eu também vi hoje no *show*. Desde o começo, trinta anos atrás, quando você subia ao palco, para realizar performances musicais, esse seu cuidado poético, que, penso eu, não se restringia apenas às letras das canções²⁰, mas também, que exigia

internacional, e indo contra até do Congresso Nacional. Contudo, a um dos visitantes indesejados, Nicolás Maduro (ditador da Venezuela), Lula disse, lá pelo minuto de número15’, do vídeo lincado aqui, que, se você quiser destruir um adversário, basta construir uma narrativa (<https://youtu.be/k0okQjuAzdk>). Estratégia esta, a de transformar o outro num inimigo mortal e sanguinário, de amplo domínio da ‘Esquerda’, sobretudo visível durante a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da COVID-19, no Senado Federal (27/04/2021 a 26/10/2021).

¹⁶ Nesse ponto, Caetano reforça aquela minha impressão, à qual nos referimos anteriormente, de uma propositura ambígua, oscilante tanto às margens da Esquerda política, quanto à Direita.

¹⁷ Nem Caetano, tampouco eu e ao que parece, tivemos acesso naquele tempo ao que, de fato, foram e ainda são os regimes de ‘Esquerda’ na história do mundo. Contudo, para nos ajudar, publicou-se a obra *O Livro Negro do Comunismo – crimes, terror e repressão* (COURTOIS, 2021).

¹⁸ Aqui, Caetano reverbera um pouco do discurso que eu também aprendi sobre os militares. Pra mim, na Universidade, a ideia de ‘militar’ sempre esteve vinculada ao espectro da Direita. Contudo, ao longo dos anos, quando vendo de bem mais perto, o que foi o golpe militar da República (1889), e, depois, observando mais atentamente o Movimento Tenentista (1920), e percebendo que parte dos que eram ‘Tenentes’, em 1922, se aliaram a Getúlio Vargas e, depois, protagonizaram o levante militar de 1964, no Brasil, misturando esquerdistas a direitistas, tudo o que sabemos sobre Esquerda & Direita fica muito abalado.

¹⁹ Eu, aqui, pensava nos temas que estudava sobre estética, Arte e artistas, presentes na obra do Gilberto Mendonça Teles (1972/1973). Foi inevitável associar mentalmente, o sobrenome ‘Teles’, de Caetano, ao do autor desse *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*.

²⁰ Em 2001, foi publicado um livro, de nome *Análise Semiótica Através das Letras* (TATIT, 2001). Em 2006, outra obra, designada por *Chico Buarque – tantas palavras* (WERNECK, 2006). Ambas as publicações reservam em seus conteúdos, discussões abordando esse ‘lado mais estético e poético’ das

manifestação extra, pessoal, para com aquilo que você queria comunicar, tinha um objetivo no outro, e não apenas na sua própria arte? Se sim ou se não, qual o seu posicionamento diante de sua concepção artística?

CAETANO: “Sim. Sinceramente eu tinha, e tenho, algo disso. Eu tenho muito cuidado com o que eu faço, e isso acontece desde o início, embora eu não pensasse que fosse me dedicar à música popular, porque eu achava que não tinha suficiente talento pra música, embora eu tenha talento para um comportamento do músico popular, eu tenha essa vocação para a profissão, entendeu?²¹ Eu faço dessa vocação, então, o melhor que eu posso. De fato, eu tento realizá-la, de uma maneira que seja poética, no sentido mais geral, no sentido do ritmo, dos gestos públicos, do que faço, no ‘por que’ faço um disco, por que as letras são assim, por que o *show* tem essas ou aquelas características, por que eu me comporto publicamente dessa ou daquela maneira. E, em tudo isso, desde as canções, entrevistas e às minhas participações nos espetáculos, o que realmente eu acompanho mesmo com alguma intenção de fazer surgir alguma coisa no outro. Isso sempre foi assim. E é. Então, a resposta é sim²². Agora, o que é exatamente, o que eu quero dizer ao outro, não é muito claro, mesmo pra mim. Eu tenho uma intuição, e que se expressa através das canções, e dos comportamentos em público. Mas, não é muito claro o que é que eu gostaria de conseguir, pelo menos não em termos gerais, entendeu? Eu, pontualmente, sempre sei o que quero. Eu sei que quero fazer uma canção, porque, ou aquilo vai ser surpreendente, pra tal área do pensamento coletivo, vai ser esclarecedor pra tal outra área, vai ser chocante, revitalizante, vai ser regenerador por essa ou aquela razão. Eu sei, muito claramente, sempre. Agora, pra que tudo isso serve, em termos gerais. Eu não sei²³. Por exemplo, se você perguntar, se estou trabalhando para o advento do Socialismo, eu nunca soube, eu nunca achei que propriamente fosse, embora

produções musicais em si. Embora este modelo de discurso já transitasse na academia nos tempos da entrevista, em meu repertório, esta informação ainda viria a se consolidar mais adiante, com a leitura destes e de outros textos, tais como o de *Letra Só* (VELOSO, 2003).

²¹ No desenvolvimento de minha Dissertação de Mestrado, para compreender parte desse posicionamento artístico de Caetano, recorri à obra *História Social da Música Popular Brasileira* (TINHORÃO, 1986).

²² Em *Tropicália, alegoria alegria* (FAVARETTO, 1996) se projetam fachos de luz sobre este postulado.

²³ Pensando em dar uma contribuição ao leitor desse trecho da entrevista, lembro de um livro, *A Desinvenção do Som* (LOPES, 1999). Nele, seu autor trabalha, dentre outras propostas, o conceito de ‘dialogismo’ e de ‘polifonia’ no Tropicalismo.

eu sempre tivesse simpatizado com a ideia do Socialismo, e acho que é uma coisa da qual a gente não pode abrir mão. Estas ideias não podem ser descartadas, entendeu²⁴? Agora, se eu estava trabalhando pra uma modernização do Brasil, no mundo capitalista desenvolvido, pra que o país entrasse nesse mundo desenvolvido, eu também não sei²⁵. Se eu estava fazendo alguma coisa que põe estas duas tendências aparentemente antagônicas, tentando colaborar, não sei, entendeu? Tudo isso passou pela minha cabeça, sempre como perguntas, e tudo continua passando, em forma de perguntas. Agora, a resposta geral, eu não tenho. Mas, eu acho, que eu não preciso, necessariamente, de ter. Por exemplo, Baden Powell²⁶ pega o violão dele e toca. Aquilo é contra ou favor da implantação do Socialismo Internacional? Eu não sei²⁷. Nem ele precisa saber, pra tocar, pra ser maravilhoso, entendeu? Então, é assim”²⁸.

MP: É possível que hoje se conviva ou se retome, numa espécie de ‘revanche histórica’, na atual conjuntura do Brasil, visto sob a ótica política da estética neoliberal²⁹, que, de certa maneira, conflita com uma série de questionamentos do artista com relação ao fazer artístico, à possibilidade de a arte servir de bandeira hasteada de denúncia de uma ordem social subvertida por essa estética opressora e que norteia a economia mundial?

CAETANO: “É possível. A pessoa pode tentar fazer tudo. Nada é impossível. Ninguém é impossível, como diz Jorge Luis Borges³⁰. Mas eu fico sem saber se nós estamos falando das mesmas coisas, porque eu não sei bem o que a gente poderia chamar de uma ‘estética neoliberal’³¹. Eu não vejo bem isso. Agora, pode

²⁴ Se também Caetano, e não apenas eu, tivéssemos lido, na mesma época, a já mencionada obra de Gregor (2021), no mínimo, teríamos nos reposicionado sobre este assunto, sem precisar acatá-lo ou ataca-lo.

²⁵ A ambiguidade política retorna: e com força implacável! Este discurso bipolar de Caetano, é perceptível em texto de sua própria lavra: *Verdade Tropical* (VELOSO, 1997).

²⁶ Baden Powell de Aquino (1937-2000), violonista e compositor brasileiro.

²⁷ Carlos Calado, no livro *Tropicália* (CALADO, 1997), propõe vários roteiros de discussão sobre a eventualidade de um ‘engajamento’ ou ‘distanciamento’ do artista e da obra face aos contextos de produção.

²⁸ Ainda tratávamos de 1998. Mas, relendo, pode ser o contexto de 2023. Quase tudo se aplica ainda.

²⁹ Sinceramente falando: eu quase me envergonho de ter dito esta expressão – ‘estética neoliberal’. Era isso que a Universidade estava me ensinando, e eu, reproduzindo. Supor haver uma ‘estética neoliberal’, é o mesmo que imaginar existir uma ‘medicina neoliberal’, um ‘judaísmo neoliberal’, um ‘paraquedismo neoliberal’. Ou seja, conclusões absurdas somente advém de ‘objetos de pesquisa improváveis’ como estes.

³⁰ Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo (1899-1986), escritor, poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino, tem no livro *História da Eternidade*, talvez, um de seus maiores êxitos estéticos.

³¹ Vejam, a minha ‘vergonha’, acima aludida, se justifica. O entrevistado quase me ‘cancelou’ (rsrsrs). Só não o fez, por que, em 1998, a internet ainda engatinhava, e a cultura do ‘cancelamento’ ainda não existia.

ser que haja uma situação internacional de euforia do Capitalismo. Mas, eu acho, que é muito difícil para um artista participar disso. O artista dificilmente é bobo assim, para essas coisas. Mas, enfim, pode ser isso, também. Eu, pessoalmente, não sinto, não acredito nisso³². Eu vejo tudo isso, como uma coisa (Caetano, aqui, hesita), eu tenho uma tendência política profundamente Liberal³³, mas, eu, vejo as próprias convicções liberais, por vezes, negadas pela vida que nós temos que levar, por causa dos interesses capitalistas³⁴. Então, eu não vejo bem isso, eu não me sinto confortável nesse mundo, assim. Eu trabalho numa área que é a do entretenimento. Entretenimento, de uma certa forma, seria o oposto da Arte, porque a função da arte é intensificar a percepção da vida, e a do entretenimento seria a de entorpecer a capacidade de percepção da vida³⁵. E, você veja que, para mim, isso é um paradoxo que todos os *entertainers* da minha profissão tiveram que encarar, e todos encararam com menor ou maior bravura, maior ou menor nobreza. Eu procuro continuar encarando-o de uma maneira muito honesta, muito lúcida, dentro dos limites de minha própria coragem pessoal. Eu não estou aqui para facilitar a vida da mais-repressão, entendeu, a vida que é apresentada com uma repressão desnecessária. Eu sou marcuseano³⁶. Eu sou uma coisa ultrapassada. Eu sou uma versão absurda do perfeito idiota latino-americano”³⁷.

³² Sua descrença guarda razão, provavelmente, quando vemos que, na história de alguns movimentos estéticos e musicais, esta ‘preocupação’ capitalista repousa meio que ‘distante’ dos alvos a serem alcançados (CASTRO, 1990).

³³ É ambíguo politicamente falando, ou não é? Por isso, talvez, seu posicionamento público, desde os tempos embrionários do Tropicalismo, no que tange à Política, tenha despertado ‘levantes’, tanto de um lado do espectro, quanto de outro lado. Atualmente, em 2023, talvez esta polarização não faça mais sentido, visto que as discussões contemporâneas tendem a transcender a ‘bipolaridade’, propondo a ampliação dos debates sobre as questões nacionais mais relevantes, que, em suma, estão para além de uma ‘Esquerda’ e de uma ‘Direita’ seculares.

³⁴ Ele não deixa claro aqui, mas, nos permitimos supor, que seu referencial sobre postulado Liberal, faça mais sentido, se pensado no contexto norte-americano (lá, o liberalismo, e de Esquerda. Aqui, os liberais, são de Direita). Condição esta que, se confirmada, atenuaria a ‘ambiguidade caetana’ neste ponto.

³⁵ De fato, se tivermos à mão, o livro de José Miguel Wisnik: O Som e o Sentido (WISNIK, 1989), e o sobrepusermos a esta afirmação de Caetano, veremos que há uma coincidência entre o que ele diz e o que Wisnik estuda: a Arte e não ‘o mercado’ da Arte.

³⁶ Reunimos, aqui, ao menos três textos de Herbert Marcuse, aos quais poderiam se associar esta atitude ‘marcuseana’ de Caetano: Marcuse (1973 / 1981 & 1982).

³⁷ Talvez, por mero ‘ato falho’, Caetano, neste momento de sua fala final na entrevista, se recordasse de um certo livro que lera, sobre o qual ele fez um comentário no vídeo do Roda Viva, anteriormente mencionado (CARVALHO, 1996).

REFERÊNCIAS

- CALADO, Carlos. *Tropicália – a história de uma revolução musical*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- CARVALHO, Olavo de. *O imbecil coletivo*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1996.
- CASTRO, Ruy. *Chega de Saudade – a história e as histórias da Bossa Nova*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- COURTOIS, Stéphane *et al.* *O Livro Negro do Comunismo – crimes, terror e repressão*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- COSTA, Caio Túlio. *Cale-se – a saga de Vannucchi Leme, a USP como aldeia gaulesa, o show proibido de Gilberto Gil*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- LOPES, P. E. *A Desinvenção do Som: Leituras dialógicas do Tropicalismo*. São Paulo: USP (tese de Doutorado), 1996. Campinas: Pontes, 1999.
- MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial – o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização – Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARCUSE, Herbert. A Arte na Sociedade Unidimensional. In: LIMA, L. C. (Org). *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FAVARETTO, C. *Tropicália Alegria Alegria*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.
- GARSCHAGEN, Bruno. *Direitos Máximos, Deveres Mínimos – o festival de privilégios que assola o Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- GREGOR, James. *Marxismo, Fascismo e Totalitarismo*. Campinas / SP: Vide Editorial, 2021.
- PESSOA, Marcelo. *A Crônica-canção de Caetano Veloso*. 1. ed. Saarbrücken, Deutschland: NEA – Novas Edições Acadêmicas, 2014. v. 1., 305 p.
- PESSOA, Marcelo. *A Crônica-canção de Caetano Veloso*. 2. ed. Rio Preto – SP / Frutal – MG: AMAZON & AKEDIA Books, 2020, 300 p.
- PESSOA, Marcelo. *A Crônica-canção de Chico Buarque*. 1. ed. Curitiba – PR: UEMG – UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 2013. v. 1., 274 p.
- PESSOA, Marcelo. *A Crônica-canção de Chico Buarque*. 2. ed. Rio Preto – SP: AMAZON & AKEDIA Books, 2020, 300 p.
- SCHWARZ, Roberto. *O Pai de Família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TATIT, Luiz. *Análise Semiótica Através das Letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- TELES, Gilberto de Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro – apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- TINHORÃO, José Ramos. *Pequena História da Música Popular: da modinha ao tropicalismo*. São Paulo: Art, 1986.
- VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- VELOSO, Caetano. *Letra Só*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WERNECK, Humberto. *Chico Buarque – tantas palavras*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- WISNIK, José Miguel. *O Som e o Sentido – Uma Outra História das Músicas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.